

OS SENTIDOS DO TRABALHO REPRODUTIVO PARA AS MULHERES PARTICIPANTES DO PROJETO “‘ESCREVIVÊNCIAS’ FEMININAS”¹

Amanda Marques Brito de Souza

Fernanda Onuma

Contextualização:

Quando Silvia Federici (2019, p. 40) afirma que “eles dizem que é amor, nós dizemos que é trabalho não remunerado”, ela evidencia a invisibilização do trabalho doméstico e de cuidado e mostra como esses labores estão articulados às contradições sociais e econômicas do capitalismo. A literatura feminista marxista é unânime em afirmar que limpar, cozinhar e cuidar não são práticas naturais das mulheres, mas tarefas historicamente atribuídas a elas e sustentadas por discursos de afeto, moralidade e dever materno (Federici, 2019; Fraser, 2023; Arruzza, 2015).

A Teoria da Reprodução Social aponta que o capitalismo só se mantém porque existe uma vasta quantidade de trabalho reprodutivo realizado de maneira gratuita dentro dos lares, principalmente por mulheres. Esse trabalho demanda energia, produz efeitos sociais e garante a continuidade da vida cotidiana, ainda que siga sem reconhecimento ou remuneração.

Com base nisso, este estudo busca responder: quais são os sentidos do trabalho reprodutivo para mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica em Varginha, MG, à luz da Teoria da Reprodução Social?

.

Como ocorreu o estudo:

Este estudo integra o projeto “Escrivivências Femininas: traçando linhas em educação, direitos humanos e políticas públicas em Varginha”, do Grupo de Pesquisa Gênero pela Não Intolerância, GENI, da UNIFAL-MG. Foram realizadas rodas de conversa com mulheres atendidas por um CRAS da cidade, seguidas do convite para entrevistas em profundidade. Quinze mulheres foram convidadas e nove aceitaram participar.

As entrevistas ocorreram após assinatura do TCLE, foram gravadas e transcritas integralmente, totalizando 4 horas e 15 minutos de áudio e 59 páginas de material. A análise

¹ Este texto corresponde a um pequeno resumo de Iniciação Científica em desenvolvimento no grupo de pesquisa GENI.

utilizou a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), articulada à Teoria da Reprodução Social, organizada em quatro categorias: (1) necessidade e remuneração financeira nos primeiros sentidos do trabalho reprodutivo; (2) reafirmação ideológica; (3) trabalho reprodutivo remunerado; e (4) trabalho reprodutivo não remunerado.

Necessidade e remuneração financeiras nos primeiros sentidos do trabalho reprodutivo:

A necessidade de remuneração, como aponta Gaulejac (2007), orienta a construção de sentidos do labor. Nas falas das entrevistadas, o salário aparece como ponto de partida:

Com 14 anos **eu já tinha que trabalhar para sobrevivência** (Eduarda, 2024, relato verbal, grifos nossos).

Dificuldades familiares, eu tinha que ajudar a minha mãe, [...] eu tinha 6 ou 7 anos (Cida, relato verbal, grifos nossos).

Com nove anos, porque eu morava com a minha avó, aí a minha mãe pegou e falou para ‘mim’ começar a trabalhar, que **eu tinha que começar a fazer alguma coisa** (Eliane, 2024, relato verbal, grifos nossos).

Nossa... **Eu comecei a trabalhar pequena, sabe o que é pequena?** [...] eu devia ter uns 8 anos ou 9 anos (Helena, 2024, relato verbal, grifos nossos)

Os relatos evidenciam que os primeiros significados do trabalho surgem vinculados à necessidade, ao cuidado com terceiros e ao apoio familiar, com ou sem remuneração. Muitas vezes, tais tarefas são percebidas como “atos de serviço” esperados das meninas, naturalizando uma divisão sexual do trabalho desde a infância.

Reafirmação ideológica nos primeiros sentidos do trabalho reprodutivo

As entrevistas também evidenciam como os sentidos do trabalho são transmitidos no ambiente familiar.

Com 7 anos, porque naquela época né, **todo mundo trabalhava com essa idade!** Não trabalhava no serviço muito pesado, **mas naquilo que ele [pai] via que dava para fazer, a gente tinha que fazer!** Então **tinha que buscar lenha, tinha que buscar água, tudo tinha que fazer** [...] (Maria, 2024, relato verbal, grifos nossos).

Criança assim, eu já fui com idade de 8/9 anos, **comecei a ajudar minha mãe arrumar cozinha, lavar roupa, ajudar o pai a plantar as plantações** (Lia, 2024, relato verbal, grifos nossos).

Então, assim, com 11 anos comecei a trabalhar como babá, **mas não porque foi uma coisa imposta, mas foi meu mesmo, eu falei que queria e fui... é por ver as coisas assim, né, de casa, via o pai, via a mãe saindo para trabalhar** (Adelha, 2024, relato verbal, grifos nossos).

Observa-se a presença de dinâmicas familiares que, por meio da rotina dos labores parentais, evocam um sentimento de pertencimento e reconhecimento pelos esforços realizados. Tais vivências contribuíram para as entrevistadas compreenderem, desde cedo, a necessidade de buscar remuneração para auxiliar em casa, ao mesmo tempo, em que revelam a centralidade do trabalho reprodutivo na formação de comportamentos, rotinas e afetividades.

Trabalho reprodutivo remunerado:

A manutenção da subsistência exerce um papel fundamental para a compreensão das construções dos sentidos do trabalho para as entrevistadas, sendo este o principal elemento que transpassa os primeiros trabalhos realizados por estas durante a infância e adolescência, como abordado nas subseções anteriores.

[...] **dinheiro que eu ganhava, mais nada!** Porque era complicado menina, era muito complicado! (Denisia, 2024, relato verbal, grifos nossos).

[...] **não depender de ninguém, é ter sua independência!** Porque a pior coisa do mundo é você depender dos outros (Débora, 2024, relato oral, grifos nossos).

No entanto, o reconhecimento simbólico também emerge como elemento fundamental:

É, dos outros falavam assim: **“nossa, você limpa tão bem!”, “você faz tanto isso”, aí fulano chegava e falava assim “nossa, você limpou a casa de dona Silvana, e ela está falando tão bem de você! Você não quer ir lá limpar a minha?” Era isso que era a minha satisfação, entendeu?** (Eliane, 2024, relato oral, grifos nossos).

As pessoas elogiam, gostam... entendeu.... Gostam, acho bonito... **Então eu gosto...** agora só que eu hoje não estou podendo muito por causa dos meus ombros, os tendões meus que não ajudam muito! (Helena, 2024, relato verbal, grifos nossos)

Assim, o trabalho reprodutivo remunerado aparece atravessado tanto pela busca de renda quanto pelo reconhecimento social. O reconhecimento do ato final do trabalho, por meio dos elogios de terceiros, é marcado nas falas, condicionados a socialização e afetividade com as pessoas. De forma mais destacada, elas pontuam o seu prazer em observar o produto finalizado de seu trabalho sendo utilizado/ aproveitado por outro indivíduo.

Trabalho reprodutivo não remunerado:

O trabalho reprodutivo não remunerado se ancora em valores socialmente construídos como amor, responsabilidade e dever materno, conforme apontam Federici (2019) e Hirata e Kergoat (2007).

Então, **eu tinha que cuidar dos meus filhos**, não podia sair assim de casa e largar eles, não podia! (Helena, 2024, relato verbal, grifos nossos).

Sei lá, se naquele tempo tinha sentido, sei lá, era obrigação da gente! A gente sentia obrigação, como se fosse uma obrigação da gente, da mãe de fazer isso (Eliane, 2024, relato verbal, grifos nossos).

Só ficava dentro de casa, **era trabalhar, costurar e cuidar** (Denisia, 2024, relato verbal, grifos nossos).

“Eu acho que é fazer parte da sociedade, **do meu lugar na sociedade**” (Eduarda, 2024, relato verbal, grifos nossos)

Esses relatos mostram que o trabalho doméstico se torna parte da identidade pessoal e é vivenciado como obrigação naturalizada, ainda que seja invisibilizado e não remunerado. A TRS evidencia que essas atividades sustentam a vida social e estruturam as relações de gênero e classe na sociedade capitalista. Federici (2019) lembra que, embora frequentemente realizado em nome do amor, trata-se de um trabalho essencial e não reconhecido

Alguns apontamentos finais:

Os sentidos atribuídos ao trabalho reprodutivo estão profundamente enraizados em valores sociais que naturalizam a responsabilidade feminina pelos cuidados e pela manutenção da vida. Mesmo quando realizado de forma gratuita, esse trabalho carrega sentidos semelhantes aos do trabalho remunerado, como responsabilidade, reconhecimento e pertencimento.

À luz da Teoria da Reprodução Social, fica evidente que esses labores sustentam a vida cotidiana, garantem a sobrevivência das famílias e mantêm a própria lógica do sistema capitalista funcionando. Ainda assim, continuam mascarados por discursos de amor, obrigação, vocação ou dever materno. Nas falas das participantes, a força dessa construção aparece de forma clara: trabalhar desde cedo, cuidar de irmãos, filhos e casas surge como algo inevitável.

Reconhecer os sentidos do trabalho reprodutivo é também reconhecer a urgência de trazê-lo para o centro do debate, tirando-o do lugar de invisibilidade. Este estudo buscou contribuir para ampliar as discussões sobre o trabalho reprodutivo, evidenciando a importância da Teoria da

Reprodução Social para compreender como esses labores estruturam a vida cotidiana, remunerados ou não, e como suas marcações históricas exigem aprofundamento teórico e político.

Esta discussão apresenta um recorte dos trabalhos em desenvolvimento no Grupo de Pesquisa GENI. Fica o convite para que você, que leu este texto e se interessou pela temática, conheça mais sobre o GENI nas redes sociais

Agradecimentos:

Agradecemos a FAPEMIG pelo fomento financeiro para a realização desse estudo e a todas as membras do Grupo de Pesquisa GENI pelo incentivo.

Referências bibliográficas

ARRUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista outubro**, v. 23, n. 01, 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo** (trad: Luis Antero Reto). São Paulo: Edições 70, 2016

FEDERICI, S. **Ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FRASER, N. Crise do cuidado? Sobre as contradições sociorreprodutivas do capitalismo contemporâneo. In: Bhattacharya, T. (Org.) **Teoria da reprodução social**: remapear a classe, recentralizar a opressão. Elefante: São Paulo, 2023.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida: Ideias e Letras, 2007

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Caderno de Pesquisa**, v. 37, n.132, p.595-609, 2007.



[Amanda Marques Brito de Souza](#) é mestrande em Gestão Pública e Sociedade (PPGPS/UNIFAL-MG) na área de concentração sobre "Sociedade, trabalho e lutas sociais". Graduada pelo Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Economia e pelo Bacharelado em Administração Pública pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Membro do Grupo de Pesquisa Gênero pela Não Intolerância (GENI/ Unifal-MG). Tem interesse nos estudos sobre Feminismo Marxista, Teoria da Reprodução Social e em Escrevivências Femininas. Email: amandambritoss@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5409358835681799>



Fernanda Onuma é docente na Universidade Federal de Alfenas-MG (UNIFAL-MG), lotada no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA, campus avançado de Varginha-MG, desde 2013. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Sociedade da UNIFAL-MG (PPGPS/UNIFAL-MG). Coordenadora do Grupo de Pesquisa de Gênero pela Não Intolerância (GENI/UNIFAL-MG) desde 2014. Representante da Comunidade Científica no Conselho Municipal de Direitos da Mulher (CMDM) de Varginha-MG. Doutora (2017), Mestre (2011) e Bacharel (2008) em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7778828142853475>